

APRESENTAÇÃO

Körner, Schiller e W. Humboldt: a primeira recepção do Meister de Goethe

Reginaldo Rodrigues Raposo

reginaldo.raposo@usp.br
(Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)

Uma das primeiras recensões do romance publicado *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-96), talvez a primeira quando se exclui as considerações de Schiller nas cartas que trocou com Goethe desde 1794 (inclusive durante o processo de fatura do romance, portanto), seja esta missiva redigida por Christian Gottfried Körner e publicada em 1796 na célebre revista *As Horas*, cuja edição era capitaneada pelo mesmo Schiller. Para além das críticas do próprio editor e da discordância explicitada em novas cartas/recensões em torno da importância e centralidade do “herói”¹ e da questão da formação (*Bildung/Ausbildung*) no romance - em particular aquela assinada por Wilhelm von Humboldt² -, é notável o fato de que se estabelece nela uma direção na recepção da obra que veio a se tornar não somente a marca inaugural, ou ao menos modelar, do que se denomina de romance de formação (*Bildungsroman*), mas também, segundo Friedrich Schlegel em um dos fragmentos da revista *Athenäum*, uma das “grandes tendências de nossa época”.³

Körner foi um jurista alemão, nascido em Leipzig no ano de 1756. Morreu em Berlim no ano de 1831. Amante das artes, da música (Cf.: Videira, 2019, pp. 97 a 117), Körner teve contato com os principais personagens dos “anos de 1790, que, através do entrelaçamento de tendências classicistas e românticas, se tornou a década mais frutífera em toda a história da estética” (Dahlhaus, 2003a, p. 398). No que tange o romance de Goethe, seu primeiro contato com ele foi mediado, por suposto, também por Schiller. Em carta endereçada a Goethe, datada de 19 de janeiro 1795, pouco menos de um ano antes da publicação do presente texto, o autor

1 Referência a Schiller em carta endereçada a Goethe datada do dia 28 de novembro de 1796. Recuperado de <https://www.friedrich-schiller-archiv.de/briefwechsel-von-schiller-und-goethe/1796/246-an-goethe-28-november-1796/> (Último acesso em 19 de outubro de 2021).

2 Em carta endereçada a Goethe datada do dia 24 de setembro de 1796. Cf.: Oliveira, 2014, p. 23.

3 Para F. Schlegel, ao lado do romance, estão a *Doutrina da ciência* (1794) de Fichte e a própria Revolução francesa (1789). Cf.: Schlegel, 1997, p. 83.

de Wallenstein faz referência às primeiras impressões do amigo Körner a respeito do romance, bem como tece desde então, como que de viés, as suas primeiras críticas:

Recentemente, restituí ao senhor, com fidelidade, a impressão que causou em mim o *Wilhelm Meister* [...]. Körner escreveu-me há alguns dias com infinita satisfação a respeito dele, e em seu juízo podemos nos fiar. Nunca encontrei um crítico [*Kunstrichter*] que se deixasse tão pouco desviar do principal, em um produto poético, por aquilo que é acessório. No *Meister* ele encontra toda a força de *Os sofrimentos de Werther*, apenas domada por um espírito varonil e depurada na tranquila graça de uma obra de arte consumada.

Ao lê-lo, lembro-me de ter sentido o mesmo que o senhor escreve sobre o pequeno escrito de Kant. A abordagem é meramente antropológica, e com ele não se aprende nada sobre os fundamentos últimos do belo. Mas, como física e história natural do sublime e do belo, ele contém algum material [*Stoff*] frutífero. O estilo me parece um pouco lúdico e floreado demais para essa matéria tão séria. Inusitado erro em um Kant, de todo modo bastante compreensível (Schiller, 2019, pp. 104 e 105)

Um “erro compreensível” em relação à “matéria tão séria”, para Schiller, nesse sentido, poderia muito bem estar ligada justamente às descrições, também presentes nesta missiva, um tanto excessivas e preliminares, posto que bem ornamentadas, das personagens à luz do que, já na carta publicada, culminaria em um protagonismo resolutivo e infalível de Meister, ou seja, relevando demasiadamente o fundamento que perpassaria o “todo da obra” e da trama que os envolve por igual. É algo de importância inestimável para Schiller o fato de Meister, enquanto protagonista, alcançar a “determinidade” (*Bestimmtheit*) por meio da experiência (*Erfahrung*) na comunhão dos acontecimentos narrados, com os outros personagens (e não simplesmente diante deles), sem perder a “determinabilidade” (*Bestimmbarkeit*), a dimensão do infinito, na infinidade de determinações que ainda é deixada em aberto, inclusive em decorrência de seus fracassos.⁴ Meister realizaria seus anseios, o ideal, no todo da experiência do romance, mesmo em seus insucessos, sem que, com isso, no real esgotasse esse mesmo ideal, que permanece ao cabo, portanto, como ideal, o infinito como infinito. Isso está ligado também ao que Wilhelm von Humboldt mais tarde, na carta mencionada, também se referindo criticamente às considerações de Körner, diz dos “traços [que] são para o romance como um todo da mais alta importância”:

[Körner] parece encontrar nele um conteúdo com o qual a economia do todo, como eu acredito, não poderia existir, e, ao invés disso, ele não parece ter encontrado suficientemente, como me parece, sua determinabilidade [*Bestimmbarkeit*] ininterrupta sem quase toda determinação real, seu contínuo aspirar para todos os lados sem decidida força natural para um deles, sua irrefreável inclinação para

4 Carta de Schiller a Goethe datada de 8 de julho de 1796. Recuperado de <https://www.friedrich-schiller-archiv.de/briefwechsel-von-schiller-und-goethe/1796/185-an-goethe-8-juli-1796/> (Último acesso em 19 de outubro de 2021).

refletir e sua tepidez, se eu não devo dizer frieza, da sensação, sem a qual seu comportamento após as mortes de Mariane e Mignon não seriam compreensíveis (Goethe, 2002, p. 659 como citado em Oliveira, 2014, p. 23, tradução de Oliveira)

Contudo, mesmo que tenha algo relevado essa dimensão propriamente filosófica do romance - “a relação de todos os membros individuais do romance com aquele conceito filosófico”⁵ -, tão cara à sua interpretação idealista (Cf.: Werle, 2014, pp. 69 a 78), uma outra característica da carta de Körner não deixa de surpreender. Körner chama a atenção para uma questão que, pelo vigor da recepção e do muito que se produziu a respeito desde então, seja em filosofia ou na teoria literária, se torna no mínimo igualmente digna de nota, e as críticas advindas das penas de Schiller e W. Humboldt não fazem senão prefigurar as tensões que haveriam ainda de perdurar na recepção do romance.

A expressão “romance de formação” teria sido cunhada por Karl Morgenstern por volta de 1819, e assim exprimida em uma conferência em 12 de dezembro deste ano - *Sobre a essência do romance de formação* (publicada em 1820). Segundo Manuela Hoffmann Oliveira, que tem se dedicado ao assunto já há alguns anos,

o significado de *Bildungsroman* tem em Morgenstern uma grande abrangência; na verdade, para ele todo bom romance era um *Bildungsroman*, e então ele elenca em subtipos ou subgêneros todos aqueles romances alemães considerados por ele os melhores. Morgenstern justifica que tais subtipos são voltados para aqueles lados que o homem desenvolve prioritariamente (Oliveira, 2013, p. 12)

Mas,

“como obra da mais geral e abrangente tendência da formação do belo homem” figura o Meister, cujo objetivo (a formação) que representa é o equilíbrio e a liberdade (Morgenstern, 1988: 65⁶) - formulação evidentemente tomada de Körner (Oliveira, 2013, p. 13)

Com efeito, nesta carta de Körner evidencia-se tanto a ênfase no protagonismo do herói quanto a centralidade do desenvolvimento de sua formação conduzida no sentido do tempero das suas disposições interiores, outrora um “interior cheio de escórias” (Goethe, 2006, p. 284), até a urbanidade da livre conduta nas relações exteriores, segundo a necessária “seriedade sagrada” (idem, p. 547) da vida. E a esse respeito, Körner observa:

Eu particularmente penso a *unidade do todo* como a exposição de uma bela natureza humana, que gradativamente se forma [*ausbildet*] por meio do efeito conjunto de suas disposições interiores e relações exteriores. A meta dessa formação [*Ausbildung*] é um equilíbrio perfeito - harmonia com liberdade. Quanto maior a medida das forças

5 A mesma carta de 8 de julho de 1796.

6 A referência completa de Oliveira, 2014 é: Morgenstern, K. Ueber das Wesen des Bildungsromans (1820). (1988). *Zur Geschichte des deutschen Bildungsroman*. Org. de Rolf Selbmann. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 65.

individuais, quanto mais poderosas as inclinações opostas entre si, mais se requer para criar unidade sem destruição nesse caos. Quanto mais plasticidade há na pessoa, e quanto mais força formadora [*bildende*] há no mundo que a rodeia, mais abundante é o alimento do espírito que uma tal aparência proporciona. (grifos nossos)

A formação de Meister é o grande interesse de Körner, por onde ele pensa a mesma unidade no todo da obra. Em suma, para não estender demais esta introdução, ao propor aqui a tradução da referida carta de Körner, deixamos para o leitor qualquer decisão a respeito desses impasses acerca da “unidade do todo” (Körner), do “romance como um todo” (W. Humboldt), ou do “todo da obra” (Schiller), que não fazem mais senão sublinhar o engenho de Goethe, em torno do qual tantos atores de sua recepção parecem muito vivamente se comprazer e até “deleitar”:

Körner, que me escreveu ontem, recomendou-me expressamente que eu agradecesse ao senhor pelo elevado deleite que o *Wilh. Meister* lhe proporcionou. Ele não pôde furtar-se a pôr algo dali em música, que apresenta ao senhor através de mim. Uma é para bandolim, a outra para piano. Provavelmente é possível encontrar um bandolim em algum lugar de Weimar (Schiller, 2019, p. 106)

Referências

- Dahlhaus, C. (2003a). *A estética musical clássica e romântica*. In: *Gesammelte Schriften*. V. 5. Laaber: Laaber-Verlag.
- Goethe, J. W. (1794-1805) *Briefwechsel*. Recuperado de <https://www.friedrich-schiller-archiv.de/briefwechsel-von-schiller-und-goethe> (Último acesso em 19 de outubro de 2021).
- Goethe, J. W. (2006). *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34.
- Goethe, J. W. (2002). *Wilhelm Meisters Lehrjahre*. Werke, Kommentare und Register. Hamburger Ausgabe in 14 Bänden. V. 7. Romane und Novellen II. Erich Trunz (Org.). Munique: C.H. Beck.
- Goethe, J. W.; Schiller, F. (2019). Correspondência Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich von Schiller. Tradução de Vieira, V.; Werle, M. A.; Franceschini, P. A. C. *Revista Rapsódia*, 13, pp. 99 a 117. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/165287> (Último acesso em 29 de setembro de 2021).
- Körner, C. G. (1796). Über Wilhelm Meisters Lehrjahre. In: *Die Horen*, 12. recuperado de <https://www.friedrich-schiller-archiv.de/schriften/horen/horen-1796-12-stueck/> (Último acesso em 28 de setembro de 2021).
- Morgenstern, K. (1820). *Über das Wesen des Bildungsromans*. Recuperado de https://utlib.ut.ee/eeva/index.php?lang=de&do=tekst_

